

Miguel Esteves Cardoso

OS MEUS PROBLEMAS

Prefácio

Há um quarto de século, na Primavera de 1988, quando este livro foi publicado, Portugal não era um problema tão grande como hoje será.

Os meus problemas era como eu chamava às minhas amadas filhas, Sara e Tristana, tinham elas já idade (7 anos) para protestar: "Ó pai!". Ainda hoje é o título dos meus livros de que eu mais gosto.

Foi mais ou menos por essas alturas que o egoísmo começou a estar na moda. Os cronistas escreviam nos jornais sobre os problemas do país mas, se lêssemos com mais atenção, víamos que aquela preocupação em detectar-lhe os males, receitar-lhe bom remédio e assim salvar a Pátria, era mais um problema de quem escrevia.

Antes que alguém pudesse reclamar: "Quero lá saber dos teus problemas", achei mais honesto dizer logo na capa que o livro continha problemas que eram meus e que provavelmente não interessavam a mais ninguém.

Estas crónicas foram escritas quando eu tinha acabado de me convencer que era cronista e sofrem, por isso, de um excesso de cagança que hoje me embaraça, mas de que às vezes tenho saudades.

Este livro saiu em Maio de 1988, no mesmo mês em que saiu o primeiro número de *O Independente*. Quando se tem trinta e dois anos e se deixa o jornal mais lido de Portugal, o *Expresso*, onde eu era pago principescamente, para fundar um semanário concorrente, pensa-se que se sabe tudo e que se é capaz de tudo.

Não havia nada sobre o qual eu não escrevesse. As generalizações selvagens eram o meu maior vício. Eram tempos em que a imprensa ainda era a única maneira de saber o que de importante se passava no mundo, nas artes e no mundo das artes. Na gíria da época, tudo era "urgente", "indispensável" e "a não perder".

Essa pressa alegre, essa ânsia de apanhar o tempo e todos os comboios ao mesmo tempo, ficou presa a muitas destas páginas. Felizmente. Ainda bem que os meus problemas continuam - e que alguns deles continuem a ser os nossos.

M.E.C.



Cartas portuguesas



«As cartas, – escreve Pedro Gadanho na carta que me escreveu – são e devem ser os instrumentos da insurreição.» Como são os portugueses a insurgirem-se pela via epistolográfica? A julgar pelas cartas que gentilmente me escreveram, são bastante bons. Os portugueses são tão comedidos e cerimoniosos a falar como violentos e insubordinados a escrever. Ao contrário dos outros povos latinos, os portugueses, quando a mostarda lhes sobe ao nariz, não explodem *in loco*. Mordem o lábio, pegam num papel e numa caneta e deitam a raiva toda para a tinta. Se na Itália, por exemplo, os italianos gritam e gesticulam, dizendo coisas que não se podem ou conseguem escrever, em Portugal os portugueses escrevem o indizível. Abandonam os rodeios e os formalismos que ritualizam a nossa vida quotidiana e, no silêncio ensimesmado da escrita, usam as linhas do papel como rastilhos curtos para bombas grandes. Só não se sentem à vontade numa coisa: na primeira linha.

É que as cartas começam infalivelmente com a forma de tratamento. Nem no Japão a complicação é tanta como em Portugal. Aqui o culto obsessivo das formas de tratamento levou à maior das confusões. Das trinta e duas cartas que me escreveram, só duas se me dirigem da mesma maneira («Exmo. Sr. Miguel Esteves Cardoso»). As trinta restantes apresentam uma variedade complexa que reflecte a indeterminação ritual da sociedade portuguesa em fins do século XX.

Uma das cartas dispensa a saudação e entra imediatamente no assunto: é uma solução radical, mas eficaz, para a desorganização. Os portugueses tratam-se uns aos outros da maneira mais inconsistente que há. Será uma metáfora abstrusa da nossa esquizofrenia? Enquanto

não se resolverem os problemas simples do tratamento e da identidade individual, como se pode começar a falar em identidade nacional? Hoje é praticamente impossível explicar a um estrangeiro quais as formas correctas de tratamento: só a utilização da terceira pessoa levaria anos. Nem os portugueses sabem.

Vejamos. Numa carta sou «Miguel», seguido por vírgula. Noutra, «Miguel Esteves Cardoso». E por enquanto ainda estamos no princípio. Quando entram os adjectivos, a coisa complica-se. Serei «Caro» ou «Estimado»? Serei «Prezado» ou «Ilustre»? Mais concretamente, serei «Excelentíssimo» ou «Exmo.»? Repare-se na quantidade de variações que já há: «Caro Miguel», «Prezado Esteves Cardoso», «Exmo. Miguel Esteves Cardoso», etcetera, etcetera...

É a parte de uma carta que mais custa aos portugueses escrever. Por alguma razão, quase metade do texto de cada carta é dedicada a este problema, pedindo desculpa por excessiva irreverência ou reverência, explicando por que se tratou por «tu» ou por «você» ou por «o senhor», alegando falta de informações acerca do tratamento «correcto», e por aí fora. Depois do nome e do adjectivo ainda vem um problema monumental: os substantivos. Serei «Senhor» por extenso, com ressonância feudal, ou apenas «Sr.»? É melhor ser «Sr. Cardoso» do que «Caro Senhor»? «Excelentíssimo Esteves»? «Caro Esteves Cardoso» é mais correcto que «Excelentíssimo Senhor»? Quando se junta um pronome – «Meu Caro Senhor» –, qual é o efeito exacto?

Quando se é, para além de «Senhor» e «Estimado», e independentemente de ser «Exmo.» ou «Caro», e seja-se Manuel ou Margarida, quando se tem o azar de ser outras coisas como «Eng.» e «Dr.», «Engenheiro» e «Doutor», o caos fica garantido. Um simpático correspondente de Teixoso («ainda em 9.8.86, o *Expresso* publicou a minha carta *Os Mares do Sul*») escreveu-me uma carta com cerca de 20 linhas onde «espera que não seja tomado como impertinência» o ter-me «tratado com certa sem-cerimónia». Trata-me, antes do mais, por «Exmo. Senhor (Creio que Dr.) Miguel Esteves Cardoso». Já a meio da carta, passa a «o, creio que Dr., M.E.C.» e finalmente, antes dos cumprimentos, para «o intelectual e creio que Dr., se não Doutor Miguel Esteves Cardoso».

Nas cartas que nós, os excelentíssimos e estimados portugueses, escrevemos, reflecte-se o nosso particular Babel onomástico e ritual. Já

não basta aos portugueses não saberem a quantas andam, quanto mais não saberem como se chamam. É perfeitamente possível, no espaço de uma hora, que um português seja chamado de dez maneiras diferentes. Acordo como «Menino Miguel» quando a empregada vem trazer o pequeno-almoço. Onde compro o jornal, já sou «Senhor Miguel». Quando se lê a correspondência, surgem mais umas dezenas de nomes vagamente aparentados com o meu. Saio para a rua e, se der um encontro nalgém, sou «Vossemecê». Nas aulas sou «Professor», ou «Doutor», com ou sem «Senhor» conforme os casos. E ainda «Doutor Miguel», «Professor Esteves Cardoso» ou (porque não, já agora) «Professor Miguel Esteves». No cerimonial académico, sou «Prof. Doutor» – «Prof.» sem «essor» porque sou apenas um prof(essor) auxiliar, «Doutor» por extenso porque sou doutorado. E, como se tudo isto não bastasse para provocar uma grande crise de identidade, há quem me chame ainda «Esteves Cardoso», só «Esteves», «ó Cardoso» e, irritantemente, «MEC», «Mike» e até «Michael». Some-se a este caos as outras coisas que os portugueses chamam uns aos outros («Tem um pneu vazio, ó Chefe», «O Meu Amigo quer levar um pão nos cornos?», «Ó Chaval, tens tabaco?», «Vossa Excelência deseja mais alguma coisa?») e não admira que Portugal se ache numa crise de identidade. Em que outro país é que a pergunta mais simples que há («Como é que se chama?») é quase impossível de responder? Fernando Pessoa, com os seus heterónimos, engenheiros ou não, soube resolver bem este nosso problema nacional.

Pelas formas de tratamento se compreende que nenhum português é igual a si próprio. Cada um é uma multidão, com uma lista telefónica própria, cheia de nomes diferentes. A confusão nunca foi tão grande como neste fim de século porque coexistem as velhas formas rituais de tratamento com as novas informalidades e irreverências, originando estranhos híbridos como «Exmo. Senhor Dr. Miguel». Nos cartões de visita, as pessoas continuam a pôr (provincianamente) as habilitações académicas, só para riscá-las quando dão um cartão a alguém. Como quem diz: «Eu sou o Professor Doutor Laurindo Gomes, licenciado em História pela Universidade de Coimbra, mas, para si, sou só Laurindo Gomes. Está a ver como você é privilegiado?».

Esta fase de transição é absurda porque, numa altura em que ninguém respeita essas habilitações só por si, elas continuam a ser

freneticamente utilizadas e perseguidas. Quando alguém me diz, ao telefone, «Agradecia que me tratasse por Senhor Arquitecto», só apetece responder «Está bem, desde que o Senhor Arquitecto me trate por Sua Majestade». Em Portugal, há um divórcio quase completo entre os nomes que se dão e o significado que se lhes atribui.

Em restaurantes onde nunca se entrou na vida, há empregados que inventam habilitações para dar aos clientes. O que é que se pode dizer quando um criado de mesa nos trata por «Senhor Arquitecto»? Seria ridículo responder: «Não sou arquitecto – sou um engenheiro agrónomo». Não se diz nada e o círculo vicioso prossegue. Os criados desprezam-nos secretamente («Olha, este doutor da mula russa gosta que a gente o chame Arquitecto»), ao mesmo tempo que soletram, acacianamente, a palavra: «O senhor ar-qui-tec-to deseja mais esparregado?».

Um amigo meu, licenciado em direito, foi nomeado director de um jornal e achou ridículo que os trabalhadores estivessem sempre a tratá-lo por «Senhor Doutor». Como passava o dia a ouvir: «O Senhor Doutor isto, o Senhor Doutor aquilo, o Senhor Doutor não achava que ficava bem uma fotografia, etc.», pediu a um jornalista que não o tratasse por doutor. No dia seguinte, esse meu amigo recebia uma comitiva dos trabalhadores do jornal que vinha protestar pelo facto de ele se «apresentar como doutor aos operários, quando tinha confessado a um jornalista que não era».

A insurreição pela carta é um bom conceito, mas teria de começar pelo princípio. Há uma solução inglesa e uma solução portuguesa. A solução inglesa seria simplificar tudo. Os ingleses usam sempre *Dear* (Caro), mesmo nas cartas mais impessoais. Como todas as convenções sociais, funciona porque é automática, não se pensa nela, não é a forma de tratamento que indica o respeito, a estima e a admiração que se tem – é o conteúdo da carta em si. A forma portuguesa é «Excelentíssimo Senhor, o Senhor é uma besta». Seria muito melhor guardar a palavra «excelência» para quando faz falta. Assim a solução inglesa seria omitir os Srs. e Sras., os Donos e as Donas, os Drs. e as Dras. e pôr apenas «Caro» ou «Cara» seguido do nome da pessoa, tal qual ela costuma assiná-lo. Pessoalmente, em cartas informais, acho melhor ainda pôr só o nome do destinatário, seguido de vírgula ou de dois pontos. Assim teríamos

cartas menos provincianas, tipo: «Miguel Esteves Cardoso: você é uma besta» ou «Miguel Esteves Cardoso: você é excelente».

Esta solução é inglesa e dir-se-ia que não respeita o carácter mais formal dos nossos hábitos. A portuguesa seria escrever sempre «Excelentíssimo Senhor» ou «Excelentíssima Senhora» e mais nada. Haverá outras soluções. Aquilo que é necessário é estabelecer uma forma de tratamento tão generalizada e consistente que se deixe de reparar nela. Os ingleses conseguiram-no com o *Dear*. A confusão portuguesa é tão grande que não se consegue deixar de reparar na maneira como as pessoas se nos dirigem. Acho que os portugueses, no íntimo, não ligam absolutamente nada aos graus sociais ou académicos, mas são obrigados a ligar porque a variedade caótica obriga-os a ler as formas de tratamento com a mesma (ou até maior) atenção do que a carta propriamente dita. Às vezes despendem tal energia a decifrá-las que acabam por não ler aquilo que lhes escreveram.

Todos nós, sem excepção, nos vemos aflitos logo no início de uma carta – seja a escrevê-la, seja a lê-la. Não sabemos se parecemos excessivamente ofensivos ou bajuladores, demasiado formais ou informais. Rimo-nos das fórmulas alexandrinas que se usam nas coisas do Estado, mas acabamos por imitá-las ineptamente nas cartas que escrevemos, seja por excesso, seja por defeito. Um excesso de cortesia é tão insultuoso como a ausência de cortesia. O criado que, sem nos conhecer de parte alguma, nos trata por «Senhor Arquitecto» é tão malcriado como aquele que nos trata familiarmente («Não te aconselhava o Chateaubriand – comi ao almoço e achei que estava fraco...»).

Como primeiro passo para aliviar a multiesquizofrenia onomástica em que vivemos, seria por isso boa ideia simplificarmos a primeira linha das cartas que escrevemos. De resto, fica bem que a primeira encomenda seja sobre a primeira linha. Eis algumas primeiras linhas daquelas que me chegaram: «Estimado MEC», «Cara *Encomenda*», «Prezado Colaborador do Semanário *Expresso*», «Ao sociólogo e jornalista Esteves Cardoso», «Sr. Doutor», «Estimado Esteves», «Exmo. Sr.», «Exma. *Encomenda das Almas*, Revista do *Expresso*», «Excelentíssimo». As coisas que nós portugueses fazemos, as voltas que damos, o esforço e o tempo que despendemos só para não chamar às coisas e às pessoas os nomes que elas têm.